

Entrevista Joe Paton

(New Jersey ,n.1978)



Joe Paton, obrigado por ter aceitado participar neste desafio de falarmos sobre o emprego jovem.

Como foi a sua vinda para Portugal?

Bem, é uma estória longa, mas vou tentar fazer uma versão mais compacta. Estava a terminar o meu doutoramento, em Columbia, Nova York, e a candidatar-me a várias posições nos Estados Unidos. Uma dessas posições era no Cold Spring Harbor Laboratory, que é um conjunto de laboratórios muito famosos na história da Biologia. Um dos investigadores que lá estava nessa altura era o Zach Mainen, que naquele momento estava a ser recrutado para criar um Centro de Neurociência, aqui em Portugal, com o apoio de uma nova fundação, a Fundação Champalimaud. E a ideia era mesmo focar na área em que eu estava a desenvolver o meu programa de investigação. Então ele explicou-me que estavam a planear ter posições iguais às que eu procurava nos Estados Unidos e perguntou-me se eu estaria interessado em explorar a ideia de criar o meu grupo de investigação, como parte desta nova Fundação.

Eu sempre gostei da ideia de morar e trabalhar fora dos Estados Unidos. Como eu conhecia as pessoas envolvidas e as ideias deles, decidi vir por 5 anos e depois voltaria para os Estados Unidos.

Mas já não voltou.

Pois, 15 anos depois ainda estou aqui, porque o projeto que foi construído ao longo do tempo, é muito forte, muito interessante, num ambiente intelectual e científico muito profundo e muito dinâmico. E percebi que afinal não existem lugares no mundo que sejam melhores que este que nós construímos aqui na Fundação.

Por isso está cá desde?

2008

Pois, muito tempo... por isso quando aqui chegou ainda não existia este edifício?

Estivemos acolhidos no Instituto Gulbenkian de Ciência cerca de 2 anos e meio e depois viemos para aqui.

Então o que o levou a escolher a Fundação Champalimaud para trabalhar foi mesmo este convite e ao mesmo tempo encontrar um projeto de investigação com o qual se identificava?

Sim, e o facto de existir uma Instituição com recursos privados, foi muito atrativo. Isto torna possível focarmos apenas no desenvolvimento da ciência e não só em escrever... Ficamos menos pressionados e menos influenciados pelo “mercado” das entidades que apoiam a ciência. Então era isto, as pessoas envolvidas, a visão pelo foco científico e o fato de ter um apoio institucional de uma fundação.

Nós também submetemos candidaturas a programas de financiamento, mas temos esta liberdade, esta margem para conseguir desenvolver os projetos na direção que nós queremos.

Sem estarem limitados ou direcionados. O fato de agora, estarem neste espaço, acha que este edifício ainda potencializa mais este bem-estar? Em parte, por terem espaços bastante diferenciados de outros centros de investigação? Esta relação com o rio, os espaços exteriores, tudo isto acaba por criar um ambiente diferente?

Sim, temos esta relação com o rio e o mar. Por exemplo, esta janela aqui fora do meu escritório, é um lugar onde se pode pensar e esta sensação de espaço também transmite essa amplitude ao pensamento.

Ou seja, uma pessoa sente-se livre.

Exato, as linhas são muito limpas, o edifício tem muito espaço, eu acho que isto deixa uma pessoa com espaço para pensar.

E aproveitam os espaços exteriores, para além dos espaços interiores, ou é mais uma relação visual? Ou quando chega à Fundação utiliza apenas o seu escritório?

Não, não. Mas está a perguntar sobre o espaço exterior do edifício?

Sim, tem dois lados, de um lado tem a área mais industrial da Docca Pesca e do outro lado tem um jardim interior, atrás de uma parede cortina, meio dentro meio fora, e que também é acessível, visualmente, dos nossos laboratórios. Nesses laboratórios temos as bancadas, onde fazemos Biologia molecular, e também temos bancadas mais baixas, que são secretárias. Todos os grupos trabalham ali, naquele laboratório aberto.

Promovendo o espírito colaborativo, que é muito interessante nos espaços de ciência, existem estes espaços colaborativos.

Exato.

Porque através destes espaços colaborativos, vão surgindo novas possibilidades de investigação.

Sim, temos muitas interações acidentais, uma pessoa encontra sempre alguém... A maior parte das vezes é interessante, mas também cria distrações. Então é preciso gerir e equilibrar estes encontros, mas também permite ter visibilidade sobre o rio e o jardim. Eu acho isto um conceito muito interessante de desenvolvimento de ciência.

E agora vamos incidir sobre outras questões, que de algum modo também influenciam o trabalho. Mora perto do local de trabalho? E como se desloca? Porque esta questão tem algum impacto, acredito que será melhor do que nos Estados Unidos, que seria caótico ...

É diferente, quando cheguei a Lisboa, fui morar na Baixa, no centro do caos. Fiquei lá 3 anos e depois mudei-me para a zona de Santos. Um pouco mais tranquilo, mas como era próximo do ISEG, também tinha algumas movimentações dos alunos.

Mais tarde, conseguimos comprar uma ruína, na colina por detrás do mosteiro dos Jerónimos, inserido no parque de Monsanto. Saio de manhã, faço uma corrida na floresta, volto, tomo banho e levo os meninos para a escola, de bicicleta. A escola fica entre a nossa casa e a Fundação Champalimaud, por isso fazemos toda a nossa vida em torno desta colina, o que é muito bom.

Nos Estados Unidos, a viagem entre a casa e o trabalho, em geral, é mais demorada. Eu estava em Nova York, antes de mudar para Portugal, andava de metro e demorava uma hora para chegar aos laboratório, mas aproveitava a viagem para ler artigos ou livros. É diferente!

Relativamente a questão da habitação, encontrar casa para arrendamento ou compra em Portugal, foi uma dificuldade?

Estava piorando quando nós conseguimos comprar a casa, que estava em ruínas e que precisava de uma renovação completa. E nós comprámos uma casa em ruínas, porque na verdade não era acessível uma casa já pronta. Para conseguirmos uma casa que para nós fizesse sentido, tivémos de construir. Agora seria muito mais difícil, pois os preços subiram muito e não sei se agora seria possível.





Já percebemos que trabalha a tempo integral na Fundação Champalimaud, e gostaríamos de saber onde se vê daqui a dez anos?

Em 2019, eu aceitei a posição de Diretor de Neurociências. Nessa altura, eu expliquei à Administração que adoro esta missão e este departamento que conseguimos construir, mas também gostaria de fazer alguma coisa nova. Não quero só manter o curso deste barco. Neste momento, iniciámos um projeto novo que é um instituto dedicado ao desenvolvimento de terapias digitais, que vai ser instalado aqui ao lado.



Naquele edifício novo?

Sim, temos alguns projetos mais no lado da ciência fundamental das neurociências, que já iniciaram, e eu gostaria de os ver em desenvolvimento e a começarem a dar frutos. Como vai demorar cerca de dez anos para vermos resultados, eu espero continuar aqui para acompanhar esse trabalho.

Posso fazer uma pergunta, um pouco atrevida. Já se considera um pouco português? Já sabe o que é saudade?

Eu estou aqui há 15 anos, os meus filhos nasceram cá e, pelo menos eles, sentem-se mais portugueses que qualquer outra nacionalidade. A minha esposa é do Brasil, por isso é que eu tenho este sotaque que é uma mistura entre americano, português e brasileiro. Quando eu vou ao Brasil, eles dizem que eu tenho sotaque português, aqui eu tenho sotaque brasileiro.



Havendo essa ligação, embora o nosso país tenha algumas dificuldades, a nossa mais valia é a segurança, a cordialidade e a forma descontraída que nós temos de receber todos e acolher. Eu acho que isso faz a diferença no contexto europeu...

É muito interessante, vir dos Estados Unidos, que é um país enorme, que é muito diverso, para um país como Portugal, que é muito menor, que historicamente é mais homogéneo, pensar no que essas características contribuem para a sociedade, para a cultura. Sim, e Portugal é muito seguro. A situação política... eu ia dizer que é mais estável, mas agora menos um bocadinho. Mas não tem aquela subida dos extremos, que se vê noutros países... e não existe tanta divisão, a esquerda e a direita trabalham juntas.



Por isso é um bom local para viver e trabalhar

Sim, mesmo em termos de violência, de crime é muito seguro.

Em termos de questões laborais e remuneratórias, é óbvio que na Fundação Champalimaud, são melhores, porque aqui tem um suporte Institucional maior, com condições remuneratórias e de emprego mais justas?

Sim, aqui somos sortudos em termos de condições de trabalho. Mas a situação na ciência é interessante na sua relação com a lei laboral, em geral. Porque eu acho que aqui em Portugal, a lei laboral, não é bem desenhada para a ciência. Na ciência existe um grande período de treino, o período de doutoramento e de pós-doutoramento, são posições de treino que não encaixam muito bem na lei laboral portuguesa. Porque eu acho que foi desenhada mais para emprego, que não pressupõe períodos de treino. Eu vou dar um exemplo: a ciência funciona através de laboratórios. Os laboratórios são unidades que existem dentro de uma outra instituição, pode ser uma Universidade, uma Fundação. Se alguém trabalha numa Fundação, dentro de um laboratório, na verdade a pessoa trabalha para o laboratório e não para essa Fundação. Sem este laboratório este trabalho talvez não faça sentido. Mas a lei laboral portuguesa não consegue perceber esta diferença, criando algumas situações dolorosas. As Instituições não querem ficar com um contrato, por exemplo, permanente de alguém que trabalha dentro de um laboratório. Porque se esse laboratório vai embora, e depois? Não faz sentido. Isto cria situações, com as quais estamos a tentar lidar, tentando, dentro dos laboratórios, utilizar a Lei do Bolseiro, o máximo possível, mas fora disso, por exemplo se as pessoas trabalham numa plataforma de apoio com uma posição mais permanente, recebem um contrato.

Em termos de valores, sim, recebemos remunerações justas. Só que os preços estão a mudar brutalmente em Portugal. Por exemplo, os preços dos alojamentos é muito fora do alinhamento com os outros custos. Por exemplo, o custo do leite, dos ovos, pode ser muito baixo, em comparação com outros lugares, mas em termos do custo de alojamento, na verdade é muito alto. Então isto cria alguns desafios em termos de definição de remuneração em várias posições.

Obrigada